

QUESTÕES RACIAIS NA CLÍNICA (APOIO UNIP)

Alunas: Ana Carolina do Rosário Spinardi e Bruna Bernardinelli

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Saks Hahne

Curso: Psicologia

Campus: Alphaville

O presente estudo teve como objetivo investigar algumas formas pelas quais a temática racial se apresenta em clínicas psicoterápicas e como seus conteúdos são recebidos e trabalhados por psicólogos/as. A pesquisa utilizou metodologia qualitativa, com a aplicação de um formulário on-line junto a 15 psicólogos/as clínicos/as, além de entrevistas semiestruturadas, realizadas em reuniões on-line com outros seis profissionais. As entrevistas buscaram compreender o conhecimento dos/as profissionais de psicologia clínica sobre as questões raciais, e o formulário teve como objetivo ampliar a amostra de respostas ao questionário. Tendo em vista a sensibilidade que o tema provoca, também se pretendeu realizar um comparativo entre as respostas dadas de forma anônima pela internet e aquelas colhidas nas entrevistas pessoais. No entanto, não foram identificadas diferenças significativas no posicionamento geral dos/as participantes. Os dados coletados revelaram que a maioria dos/as participantes autoidentificados/as como brancos/as sequer têm pacientes não brancos/as em sua clínica, ou os/as têm ou tiveram em número muito reduzido. Além disso, ficou explícita a lacuna sobre o tema na formação acadêmica do/a profissional, o que pode limitar a escuta e o reconhecimento do racismo como fator determinante para a saúde mental de populações negras. Já as profissionais negras recebem majoritariamente pacientes negros/as, o que pode indicar a tendência de os/as pacientes procurarem terapeutas negros/as como forma de garantir um espaço mais empático, com o qual se identificam. Partindo de um referencial teórico crítico, com destaque para as autoras Cida Bento, Lia Vainer Schucman e Isildinha Nogueira, o trabalho analisou os efeitos da branquitude enquanto estrutura social privilegiada, além de discutir os impactos do racismo na constituição da subjetividade negra e na prática clínica. Constatou-se, ainda, que a formação universitária contribui pouco para o preparo

**XXVII Encontro de Iniciação Científica e
Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação**

do/a psicólogo/a frente à complexidade das relações raciais no Brasil. Conclui-se que é urgente promover uma formação universitária crítica, que incorpore o letramento racial como eixo estruturante. A clínica psicológica, para ser verdadeiramente inclusiva, precisa agir para romper com o pacto narcísico da branquitude e assumir um papel ativo na promoção de práticas antirracistas, sendo este um dos espaços de grande relevância para esse empenho.